

Marcio Donizeti Pereira<sup>1</sup>; Edjane Angelo de Barros<sup>2</sup><sup>1</sup>ETEC Uirapuru; <sup>2</sup>Instituto Federal de São Paulo - Câmpus São Roque

## A educação e a escola em tempos de Corona Vírus

Education and school in times of the corona virus.

**Resumo.** Após um decreto do Governo estadual para que as escolas suspendessem as aulas como prevenção à disseminação do corona vírus (Covid-19), restou poucas alternativas - a não ser estudar de casa. Para solucionar esse problema, foi proposto o uso de tecnologias, por meios de plataformas on-line para os alunos acessarem as vídeos-aulas e conteúdos digitais, além de poder interagir entre eles. Outro desafio a ser enfrentado é a formação dos professores para trabalhar com as novas tecnologias e principalmente o acesso dos alunos a tecnologia, principalmente dos alunos que residem em áreas periféricas e possuem baixas condições sociais. Diante desse quadro, são esperadas muitas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem por conta das dificuldades encontradas por boa parte dos professores e pela dificuldade em acesso a tecnologia por boa parte dos alunos. **Palavras-chave:** Tecnologias da educação, Formação de professores, Condições sociais.

**Abstract.** After a decree from the state government for schools to suspend classes to prevent the spread of the coronavirus (Covid-19), there were few alternatives - other than studying at home. To solve this problem, it was proposed to use technologies, through online platforms for students to access video-lessons and digital content, in addition to being able to interact with them. Another challenge to be faced is the training of teachers to work with new technologies and especially the access of students to technology, mainly of students who live in peripheral areas and have low social conditions. Given this situation, many difficulties in the teaching-learning process are expected due to the difficulties encountered by a good part of the teachers and the difficulty in accessing technology by a good part of the students. **Keywords:** Education technologies, Teacher training, Social conditions.

### Introdução

Diante da pandemia que atravessamos nesse momento um debate se faz necessário para professores, estudantes e toda a comunidade escolar. É correto abrir mão da qualidade do ensino. O governo pode-se utilizar de uma situação de calamidade pública para impor um EAD e reestruturar a educação? Como todos os alunos serão incluídos no processo de ensino-aprendizagem, visto que nem todos têm acesso à internet e computadores em casa? E o caso dos professores que não possuem internet, computador e capacitação para lidar com essas ferramentas? Essas questões estão colocadas diante da evidencia que as escolas e as universidades de todo o país estão fechadas e sem perspectiva de retorno. Estima-se que a paralisação durará de 2 a 3 meses – praticamente um semestre. Estima-se, também, que em todo o mundo quase 1 bilhão de estudantes ficarão sem aula. O que fazer para reduzir ao máximo o prejuízo? A resposta, na larga maioria dos países, tem sido dada com o uso das novas tecnologias, seja por meio de plataformas on-line, nas quais os alunos podem acessar conteúdos e interagir entre si, seja mediante de aulas virtuais. Segundo Carlota Boto (2008), professora da Faculdade de Educação da USP:

É necessário fazer uma discussão sobre as atividades a serem desenvolvidas a distância neste período de pandemia. Por um lado, transformar o conteúdo do ensino ministrado em

atividades a distância nos leva a um impasse, em virtude daquilo que é efetivamente um dado: há alunos nas escolas públicas e mesmo nas universidades que não têm acesso a internet banda larga, de tal modo que, muitas vezes, parece inviabilizada a própria mobilização dos recursos da internet para dar sequência ao ensino. O que fazer, portanto, com os alunos que não possuem condições objetivas de acompanhar o ensino a distância? Se não olharmos para eles, corremos o risco de favorecer uma segregação social que é, sob todos os aspectos, inadmissível. É preciso, por definição, que tenhamos por princípio a incorporação de todos os nossos alunos ao nosso projeto de educação. É preciso chegar até esses alunos. Esse é um ponto.

Ainda segundo a professora Carlota Boto, a escola, devido a pandemia provocada pelo corona vírus, finalmente chegou ao tempo da computação e da internet. Caberá às Faculdades de Educação, às Secretarias de Educação, enfim, a todos os educadores comprometidos com a educação pública integrarem e interpretarem esse processo. Quem não souber mergulhar na ocasião que a história nos coloca ficará para trás. São tempos muito tristes estes, que, no entanto, nos trouxeram uma oportunidade pedagógica. Há de se avançar e olhar para frente.

### **A Formação de professores**

A discussão sobre a formação docente nesse período da pandemia se faz necessária pelo motivo das aulas presenciais estarem suspensas e os professores terem que produzir as suas aulas por meio das tecnologias, em muitos casos, não existirá tempo suficiente para capacitar os professores para essa nova demanda que se faz presente.

A estrutura e o desenvolvimento curricular das licenciaturas incluído os cursos de pedagogia, não têm mostrado inovações e avanços que permitam ao licenciando enfrentar o início de uma carreira docente com uma base consistente de conhecimentos, sejam os disciplinares, sejam os de contextos sócio educacionais, sejam os das práticas possíveis, em seus fundamentos e técnicas. As poucas iniciativas inovadoras não alcançaram expansão ficando restritas às poucas instituições que as propuseram.

Segundo GATTI (2016) nos cursos de formação de professores, e em seu exercício de trabalho, interferindo em sua qualidade, oito pontos podem ser apontados:

- a) ausência de uma perspectiva de contexto social e cultural e do sentido social dos conhecimentos;
- b) a ausência nos cursos de licenciatura, e entre seus docentes formadores, de um perfil profissional claro de professor enquanto profissional (em muitos casos será preciso criar, nos que atua nesses cursos de formação, a consciência de que se está formando um professor);
- c) a falta de integração das áreas de conteúdo e das disciplinas pedagógicas dentro de cada área e entre si;
- d) a escolha de conteúdos curriculares;
- e) a formação dos formadores;
- f) a falta de uma carreira suficientemente atrativa e de condições de trabalho;
- g) ausência de módulo escolar com certa durabilidade em termos de professores e funcionários;

h) precariedade quanto a insumos para o trabalho docente.

Em outro trabalho realizado por ANDRÉ (1999) foi feita a análise do conteúdo de 115 artigos publicados em dez periódicos nacionais, de 284 dissertações e teses produzidas nos programas de pós-graduação em educação e de 70 Trabalhos apresentados no GT Formação de Professores da Anped, na década de 1990, permitiu identificar uma significativa preocupação com o preparo do professor para atuar nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Permitiu ainda evidenciar o silêncio quase total em relação à formação do professor para o Ensino Superior, para a educação de jovens e adultos, para o ensino técnico e rural, para atuar nos movimentos sociais e com crianças em situação de risco. Esses trabalhos permitiram verificar que são raros os trabalhos que focalizam o papel das tecnologias de comunicação, dos multimeios ou da informática no processo de formação. Mais raros ainda são os que investigam o papel da escola no atendimento às diferenças e à diversidade cultural.

Segundo MERCADO (1998) para que a inserção e uso das citadas ferramentas em sala de aula atinjam efeitos positivos, é fundamental considerar uma capacitação intensiva e apoio contínuo para os professores, para posteriormente, eles conseguirem capacitar seus alunos. O que se espera, na verdade, é que as matrizes curriculares de todas as disciplinas possam oferecer aos professores em formação/atuação condições de superar as dificuldades encontradas no cotidiano escolar por eles ao incluírem as TICs à prática pedagógica de forma inovadora e não apenas como um instrumento para reanimar velhas práticas.

Para VALENTE (1999) e ALMEIDA (2000), é importante observar a relação das tecnologias com a educação no âmbito específico da escola que o que mais se questiona é a apresentação do computador de forma descontextualizada, minimizando a sua função educativa e as suas possibilidades pedagógicas, sinalizando que as ferramentas tecnológicas, na sala de aula, não são devidamente tratadas e utilizadas, de modo que os cursos de formação de professores deveriam incorporar o uso dessas ferramentas na educação com o intuito de auxiliar na construção de abordagens de ensino construcionistas e instrucionistas para que o professor possa fazer sua opção de forma adequada.

Para BEIRA e NAKAMOTO (2016) pode-se dizer que a grande maioria dos professores em formação e em exercício, ainda não recebeu capacitação para o uso das tecnologias em sua prática pedagógica e precisa recorrer a um tipo de formação que os capacite a integrá-las no processo de ensino-aprendizagem, de forma a promover a melhoria da educação formal.

BEIRA e NAKAMOTO (2016) ainda nos revela que infelizmente, os resultados da pesquisa tendem a revelar que a formação, inicial e continuada, não prepara (pelo menos como deveria!) os professores para o uso das TICs em sala de aula, remetendo a urgência de se repensar o tipo de formação docente oferecida e, principalmente, a necessidade de imputar nos docentes uma vontade genuína de se aperfeiçoarem nesse sentido, buscando novos caminhos, novos saberes e novas práticas, mesmo que seja por meio das próprias TICs. Para isso, a formação docente é imprescindível.

Diante desse quadro é razoavelmente possível de concluirmos que não adianta informatizar as escolas, sem que haja esforços no sentido de capacitar os professores para o uso em sala de aula com perspectivas de mudanças na prática educativa.

Para PEREIRA e BIANCO (2019) a formação do professor deve ser contínua e permanente e deve valorizar as suas experiências. No ambiente escolar, existem três elementos essenciais,

para que o desenvolvimento escolar ocorra com sucesso: o aluno, o professor e a situação de aprendizagem. É importante compreender o modo como as pessoas aprendem e as condições necessárias para que a aprendizagem aconteça e, para isso, as teorias de aprendizagem permitem que o professor adquira conhecimentos, atitudes e habilidades que lhe permitirão alcançar melhores resultados.

Ainda segundo PEREIRA (2017) os smartphones se transformaram em centrais multimídias computadorizadas e, além de permitirem recursos de fotos, vídeos e mensagens, permitem a utilização de diversos aplicativos. Todo este aparato com acesso à internet. Em geral, os alunos possuem um grande interesse e conhecimento sobre dispositivos e aplicativos implantados nos aparelhos celulares. Com as tecnologias e recursos cada vez mais avançados que surgem a cada modelo lançado no mercado, como internet móvel, que permite o acesso às redes sociais e aplicativos atrativos, os smartphones disputam cada vez mais a atenção dos alunos em sala de aula, tornando-se uma das modalidades da tecnologia da informação e comunicação (TIC) que mais os alunos acessam. E esse fato pode ser aproveitado pelo professor para o processo de ensino-aprendizagem.

### **O aluno da Escola Pública**

É necessário considerar a inserção de todos num contexto mundial e por esse fato não se pode ficar à margem dos acontecimentos e das consequências, nem sempre positivas. A educação deveria ser beneficiada e privilegiada com os avanços tecnológicos, porém, infelizmente não é devidamente contemplada como deveria, afinal, mesmo considerada prioridade pelos órgãos governamentais, continua de modo geral, obsoleta em tecnologia e elitista, na qual os menos favorecidos lutam por uma escola pública de maior qualidade e por um acesso à universidade mais democrático e menos excludente. Por estarem inseridos nesse contexto, os alunos observam uma situação crítica, o que lhes provoca desestímulo e falta de perspectiva em relação às suas vidas e ao futuro. Isso tudo, acaba por desencadear elevados índices de repetência e evasão escolar, ou seja, o insucesso do processo ensino-aprendizagem. Somam-se a isso outros problemas de ordem pessoal, social e familiar que comprometem o processo ensino-aprendizagem, uma vez que afloram na escola e no meio próximo a esta.

Para MOYSÉS (1995) um dos problemas mais graves da nossa escola em todos os níveis é o baixo nível de aproveitamento dos alunos; a aprendizagem dos conteúdos escolares é algo que envolve os processos mentais superiores e se dá no interior de um ser social e historicamente contextualizado. Somando-se a isso, é fundamental destacar que para esse período em que os especialistas recomendam fortemente a necessidade de um isolamento social como uma forma eficaz do combate ao covid-19, os alunos necessitaram de um computador com acesso a internet em suas residências para a realização das atividades escolares.

Para WAISELISZ e LÁPIS (2007) as diversas desigualdades socioeconômicas que caracterizam o Brasil determinam fortemente as condições de acesso aos benefícios das modernas tecnologias da informação. Se, em 2005, o país tinha acima de 32 milhões de usuários da Internet, isso representava aproximadamente 17% de sua população, índice bem baixo, se comparado com os dos países avançados, e menor, inclusive, que os de vários países da América Latina, como Chile, Costa Rica, Argentina e Uruguai. Isso sem contar a grande concentração do acesso nos setores de renda elevada. Já para os 40% da população de menor renda, esse acesso é

possível só para 5,7% da população. Nessas condições de elevada concentração, resulta utópico, e até paradoxal, priorizar a inclusão digital pela via individual para aqueles que vivem no nível da subsistência e muitas vezes nem isso. E essa foi, até hoje, a política preponderante da expansão digital, em detrimento de estratégias coletivas ou sociais. Os quantitativos da PNAD/IBGE de 2005 são claros ao destacar essa prioridade: enquanto 10,5% da população de 10 anos de idade ou mais acessou a Internet em seu domicílio, só 2,1% o fizeram em centros gratuitos. Mais ainda, esses centros gratuitos, por diversos motivos, como localização, finalidade etc., acabam sendo mais utilizados pelos setores de maior renda.

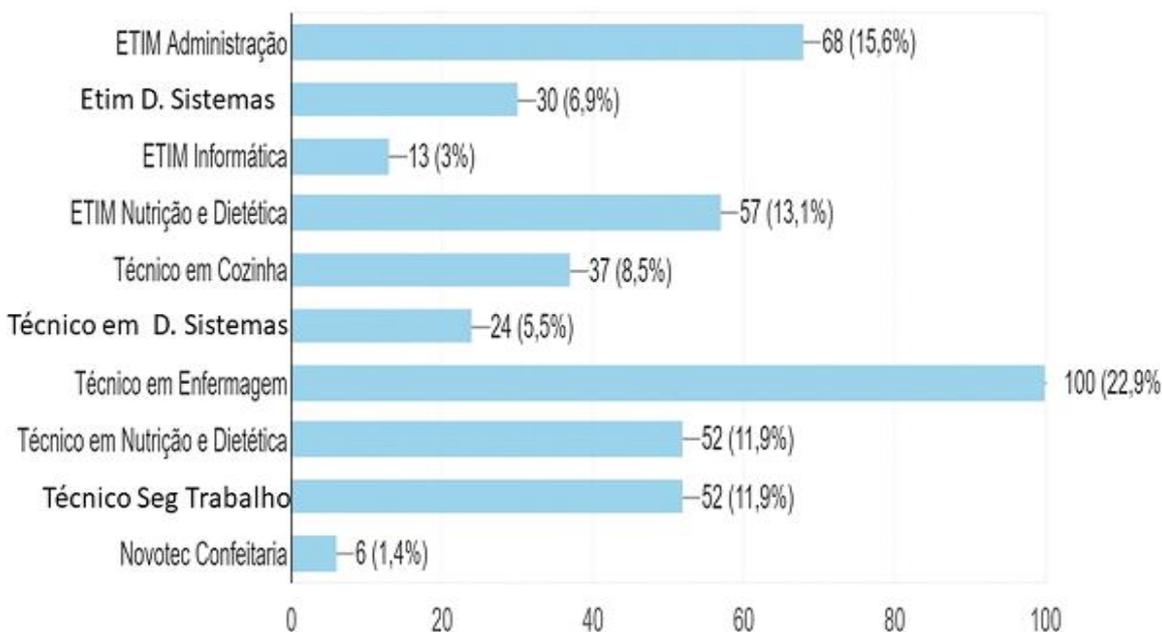
Em uma pesquisa realizada na ETEC UIRAPURU que possui aproximadamente 10 cursos técnicos (3 técnicos integrados ao médio, 6 cursos técnicos e 1 curso profissionalizante) com 1200 alunos matriculados, ou seja, 120 alunos por curso, tentamos identificar quantos alunos está com acesso à internet. Para isso foi perguntado, através de e-mail enviado para os alunos e por meio do sistema da secretaria digital, quem estava com acesso à internet e acompanhando os informes passados pela escola durante o período de pandemia.

Entre os 1200 alunos da ETEC apenas 436 alunos retornaram a pesquisa de alguma maneira, o que representa aproximadamente 36,3 % do total de alunos da escola.

O gráfico abaixo mostra a quantidade de alunos por curso e a porcentagem de alunos por curso do total que responderam a pesquisa.

### Esta cursando na ETEC Uirapuru

436 respostas



**Gráfico 1** - da quantidade de alunos que estão com acesso à internet por curso (cada curso possui 120 alunos matriculados). Fonte: Secretaria da ETEC UIRAPURU.

Através dos dados acima, é possível perceber que uma parcela enorme dos alunos está sem o devido acesso a internet ou simplesmente não demonstram nem um interesse pelas atividades escolares nesse período de isolamento social.

### Considerações Finais

Através da discussão levantada nesse artigo é possível perceber que para uma boa qualidade no processo de ensino-aprendizagem durante o período de isolamento social por conta da pandemia de covid-19 dependem basicamente de três fatores. O primeiro fator está relacionado com a familiaridade e a formação dos professores na produção de materiais didáticos de qualidade e suas habilidades com o uso de novas tecnologias, além é claro, do acesso que esses professores terão aos meios tecnológicos para produzirem suas atividades.

O segundo fator envolve o acesso que os alunos possuem ao computador com acesso a internet. Ficou evidente que os alunos menos favorecidos, muitas vezes não possuem computadores em suas casas, e por esse motivo, esses alunos já estarão excluídos do processo de ensino-aprendizagem.

O terceiro fator trata-se do aluno que possui o computador em sua casa com acesso a internet e muitas vezes precisa ser motivado para realizar as atividades. O professor precisará desenvolver atividades que motivem esses alunos a realizar tais atividades de modo efetivo e que traga de fato um conhecimento significativo por parte do aluno.

Alguns pessimistas já assinalam a perda de qualidade do ensino ministrado virtualmente, já apontam o risco de se transformar a educação presencial em ensino a distância, demonstrando preocupação quanto à reposição presencial das aulas perdidas. Outros procuram visualizar qual é a potência do que vem acontecendo; ou seja, quais lições poderão tirar desse tempo em que a escola não estava à nossa frente?

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, M. E. B. de. (2000) Proinfo: Informática e Formação de Professores. *Secretaria de Educação à Distância*. Brasília: Ministério da Educação, SEED.

ANDRÉ, Marli et al. Estado da arte da formação de professores no Brasil. *Educação & Sociedade*, v. 20, n. 68, p. 301-309, 1999.

BEIRA, Diovane; NAKAMOTO, Paula. A Formação docente inicial e continuada prepara os Professores para o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em sala de aula?. In: *Anais do Workshop de Informática na Escola*. 2016. p. 825.

BOTO, Carlota. A educação e a escola em tempos de Corona Vírus. *Jornal da USP*. 8 de abr. de 2020. Disponível em: <http://portal.if.usp.br/imprensa/node/2399>. Acesso em: 10/04/2020

GATTI, Bernardete A. Formação de professores: condições e problemas atuais. *Revista Internacional de Formação de Professores*, v. 1, n. 2, p. 161-171, 2016.

MERCADO, L. P. L. (1998). Formação docente e novas tecnologias. In: *IV Congresso RIBIE*. Brasília/DF

MOYSÉS, L. M. *O desafio de saber ensinar*. 2ª ed., Campina: Papirus; Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1995.

PEREIRA, Márcio Donizete et al. *Estudo da poluição sonora por estudantes do ensino médio usando smartphone*. 2017.

PEREIRA, Márcio Donizete; BIANCO, Luís Cláudio Montesano Simone. Os jogos no ensino de ciências e matemática: suas possibilidades de aplicações e suas limitações. *Scientia Vitae*, v.7, n.23, p. 37-41, jan./mar. 2019.

VALENTE, J. A. (1991). O computador na sociedade do conhecimento. *Coleção Informática na Educação*. São Paulo/SP.

WAISELFISZ, Julio Jacobo; LÁPIS, Borracha. Mapa das desigualdades digitais no Brasil. *UNESCO Brasil*, 2007.

<sup>1</sup>Marcio Donizeti Pereira; Mestre em Ensino de Física; Universidade Federal de São Carlos; Rua das Glicínias, 240, Jardim Santa Bárbara - Embu das Artes - SP; marcio\_d\_pereira@yahoo.com.br;

<sup>2</sup>Edjane Angelo de Barros; Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas; Instituto Federal de São Paulo - Câmpus São Roque; Rodovia Prefeito Quintino, de Lima, 2100 - Paisagem Colonial - São Roque – SP.

Este artigo:

Recebido em: 02/2020

Aceito em: 04/2020

#### Como citar este artigo:

PEREIRA, Marcio Donizeti; BARROS, Edjane Angelo. A educação e a escola em tempos de Corona Vírus. *Scientia Vitae*, v.9, n.28, p. 1-7, abr. /jun. 2020.